

A presença de Átila na Canção dos Nibelungos: uma análise da maneira como o grande chefe huno foi retratado no épico germânico.

Eduardo Consolo dos Santos

Pós-Graduado em História, Cultura e Sociedade/Barão de Mauá
edutripaseca@bol.com.br

Resumo

O presente artigo pretende fazer uma análise de como o chefe huno Átila (c. 405 – 453) foi retratado em um dos grandes poemas épicos da Europa medieval, *A Canção dos Nibelungos*, levando em consideração também todo o contexto histórico envolvido.

Palavras-chave: Átila, hunos, *A Canção dos Nibelungos*.

Abstract

The present article intends to analyze how the hunnish chief Attila (c. 405 – 453) was portrayed in one of the greatest epic poems of Medieval Europe, *Das Nibelunglied*, taking into account also the whole historic context involved.

Key words: Attila, huns, *The Song of the Nibelungs (Das Nibelungenlied)*.

Dentre os vários personagens da história da humanidade, Átila o huno é sem dúvida um dos que mais causam ao mesmo tempo admiração e repúdio, fascinação e execração, amor e ódio, no imaginário das pessoas. Ou seja, uma relação bem ambígua. Hoje em dia Átila é visto como um herói nacional na Hungria, assim como Genghis Khan na Mongólia e Tamerlão no Uzbequistão. Mas a oeste da Hungria, na Europa ocidental, é visto de forma bem negativa. Seu povo, os hunos, virou uma espécie de epíteto da barbárie e da violência, a ponto de a propaganda de guerra britânica nas duas guerras mundiais (ou seja, no século XX, transcorridos já 15 séculos do falecimento de Átila e o desmoronamento do poderio huno) associar os alemães aos hunos.

Átila se faz presente em vários mitos e lendas europeus, incluindo alguns poemas épicos germânicos e escandinavos tais como a *Canção dos Nibelungos* (onde é chamado de Etzel), a *Edda Poética* e a *Saga Volsüing* (onde é chamado de Atli). Mas antes de abordarmos a presença de Átila na história da *Canção dos Nibelungos* (em alemão *Das Nibelungenlied*), primeiramente será tratado o personagem histórico e o povo ao qual pertencia para uma melhor compreensão do tema em questão.

O Átila da história

Segundo registros, Átila teria nascido por volta de 405, provavelmente na atual Hungria, o centro do poderio huno. Filho de Mundzuk e sobrinho de Rugilas, Átila sucedeu seu tio por volta de 434 no comando do imenso Império Huno junto de seu irmão Bleda.

Um dos muitos povos da grande estepe euro-asiática que ao longo da história da humanidade incomodaram os vários poderes sedentários desde a França até o Japão e do norte da Rússia ao sudeste asiático, os hunos, de acordo com alguns estudiosos, teriam se originado dos xiongnu.

Bem provavelmente turco-mongol em termos étnicos e lingüísticos, os xiongnu originalmente viviam na margem norte do norte do rio Amarelo, na região de Ordos (atual província da Mongólia Interior). Sob liderança de chefes como Tou Man e seu filho Mao Tun, estabeleceram em algum momento do século III a. C. um império que, em seu apogeu, se estendia do lago Baikal no sul da Sibéria às fronteiras com o Tibete e do Mar de Aral à Manchúria.

Em seu processo expansionista os xiongnu esmagaram e tornaram vassalos povos como os tocarianos (conhecidos nos anais chineses como *Yue-zhi*) no norte e no oeste da atual China e os povos turcofônos do norte da Mongólia, além de terem promovido várias incursões contra a China, então governada pela Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C). Uma delas ocorreu em 166 a. C., aonde o filho e sucessor de Mao Tun, Jiyu (também conhecido como Lao-chan nos anais chineses), o soberano xiongnu de 174 a 160 a.C., pilhou e saqueou a capital dos Han, Chang'an, destruindo junto o palácio imperial da cidade.

No entanto, há de se ressaltar que a relação entre os xiongnu e os chineses não foram apenas feitas de conflitos militares: as duas partes também comerciaram e trocaram presentes entre si, pagamentos de tributos e até acordos diplomáticos e matrimoniais. Com tais atos, a diplomacia chinesa pretendia corromper e/ou civilizar à sua maneira seus vizinhos setentrionais, de forma a enfraquecê-los (Man 2006: p. 47).

Diante de tais invasores, os imperadores chineses, incluindo Qi Shi Huangdi (o qual enviou seu general Meng Tiang para expulsá-los de suas fronteiras), iniciaram a construção de um sistema de fortificações na fronteira norte, a Grande Muralha. E para vencê-los, o Império do Meio desenvolveu uma cavalaria comparável à de seus

inimigos, valendo-se dos cavalos celestiais do Fergana (atual Uzbequistão), notáveis por sua velocidade e robustez.

Após anos sofrendo os ataques dos nômades do norte, os chineses a partir da segunda metade do século II a.C. passaram para o contra-ataque, anexando para si alguns domínios até então em poder pelos xiongnu, incluindo a atual província de Xinjiang (China ocidental), estendendo seu domínio para a parte oriental da Rota da Seda. Como resultado, o poderio xiongnu recuou para as áreas ao norte do deserto de Gobi, chegando até ao vale dos rios Orkhon e Selenga. Ao final do mesmo século a China voltaria a ameaçá-los, impondo sua vassalagem sobre o que ainda restava dos xiongnu (Conrad 1978: 88-96).

Mas mesmo vencendo os xiongnu, a China ainda teria de lidar com os povos da estepe do norte até o século XVII, quando um desses povos, os manchus, conquistaram a China e estabeleceram uma dinastia, a Manchu, também conhecida como Qing (1644-1911), a última dinastia imperial chinesa.

A respeito da relação entre os xiongnu e os hunos, o primeiro a levantar essa hipótese foi o historiador e orientalista francês Joseph De Guignes, no século XVIII, em sua obra *Histoire générale des huns, des turcs et des mogols* (História geral dos hunos, dos turcos e dos mongóis), publicada em 5 volumes entre 1756 a 1758.

O fato é que após as derrotas diante dos chineses, agrupamentos xiongnu remanescentes migraram para o oeste, nos atuais Cazaquistão e Uzbequistão, e lá se estabelecido e bem possivelmente se misturando com as populações locais tais como os sogdianos e os alanos, o que teria dado origem a um novo povo, os hunos. A respeito da transformação de xiongnu para hunos e da razão pela qual teriam esquecido suas raízes, o historiador britânico John Man, autor de uma obra sobre Genghis Khan e outra sobre Átila, pontua o seguinte, em sua obra sobre o soberano huno:

Talvez alguma coisa mais ativa que o simples esquecimento estivesse em curso enquanto os xiongnu iam se transformando em hunos. Uma vez reduzidos da grandeza imperial à condição de bandos empobrecidos, talvez os hunos se envergonhassem do próprio declínio e simplesmente se recusassem a mencionar para os filhos a grandeza anterior. Nunca ouvi dizer que um processo desse teor tivesse deixado registro; aliás, não deixaria mesmo, não é? O tabu, nem mencionem a China!, imposto pelo espaço de uma geração seria suficiente (Man 2006: 56).

E sobre as origens dos hunos, suas afiliações étnico-linguísticas e a relação com os xiongnu, o mesmo historiador diz na mesma obra:

Computando o possível, o provável e o seguro: os hunos eram provavelmente de ascendência turca, provavelmente falavam uma língua turca (de raízes comuns com o mongol), possivelmente eram remanescentes de migrantes xiongnu, não tinham com a China conexão alguma além de coincidências culturais, e certamente não tinham nada a ver com as tribos eslavas e germânicas com as quais foram tão grosseiramente confundidos (Man 2006: 57-58).

Estabelecidos na Ásia Central, os hunos teriam se dividido em duas hordas durante o período, a Horda Branca e a Horda Negra. Os hunos brancos (também conhecidos como heftalitas) permaneceram na Ásia Central, causando problemas tanto para a Pérsia Sassânida quanto para a Índia Gupta nos séculos V e VI. Já a Horda Negra tomaria o caminho do oeste.

Fazendo praticamente o mesmo caminho que os mongóis de Batu Khan fariam 9 séculos mais tarde, por volta dos idos de 350 os hunos cruzaram o rio Ural e alcançaram

o Volga, estabelecendo seu domínio sobre as estepes ao norte do Mar Cáspio. Duas décadas mais tarde, os hunos enfim surgiram na história da Europa. Por volta de 372 e 373 submeteram os alanos e sármatas, povos de etnia iraniana, estabelecidos nas estepes entre o Don e Volga.

De acordo com Prisco, a entrada dos hunos na Europa se deu da seguinte maneira:

...Entrando no país dos citas, eles imolaram, para a sua vitória, todos aqueles que encontraram pela frente. Os outros, eles dominaram e submeteram. Pois tão logo atravessaram o enorme pântano, assenhorearam-se de todas as populações que residiam nos confins da Cítia, arrastando impetuosamente a massa em sua marcha, submeteram até mesmo os alanos, seus iguais em combate, mas bem diferentes deles quanto aos costumes, à conduta, às formas de existência; chegaram a exauri-los, multiplicando as batalhas. Quando não conseguiram subjugar pelas armas, usavam recursos aterrorizantes que, apenas por seu aspecto horrível, provocavam a fuga. Tudo neles era assustador, negro, e podemos dizer, não possuíam nenhum traço de uma face humana; suas cabeças, um bloco disforme deixava entrever apenas dois pontos, em vez de olhos (Conrad 1978: 102).

Até então o mundo clássico greco-romano os ignorava. O que mudaria a partir de por volta de 375 e 376, logo após os hunos, sob a liderança de Balamir, cruzarem o rio Don (na época conhecido como rio Tanais e tido pelos geógrafos antigos como um dos limites da Europa com a Ásia) e destruírem o poderio gótico até então estabelecido ao norte do Mar Negro (conhecido pelos romanos como *Pontus Euxinus*) e do Mar Azov (conhecido na Antiguidade como o Lago Meótida), na atual Ucrânia.

Este é um momento importante no nosso trabalho, pois foi aí que se estabeleceu o primeiro contato dos hunos com os povos germânicos da Europa. Durante o ocorrido, o então soberano ostrogodo Ermanarico é vencido em um enfrentamento com os hunos e após sua derrota comete suicídio, seguido da morte de seu sobrinho Vitimer. Após submeterem os ostrogodos no Dnieper, os visigodos do Dniester, liderados por Atanarico, foram as próximas vítimas (Man 2006: 75-77).

Tal como os mongóis 9 séculos mais tarde, os quais fizeram grandes levadas de cumanos buscarem refúgio na Hungria durante seu avanço Europa adentro, os hunos fizeram o mesmo com os godos. Estes foram buscar asilo dentro das fronteiras do Império Romano, especialmente nas províncias balcânicas. O que levou a uma seqüência de eventos que gerou um dos maiores desastres militares da história de Roma, a batalha de Adrianopla (378), na qual o imperador romano Valente foi vencido e morto em combate e aproximadamente 2/3 do exército romano destroçados pelo adversário.

Historicamente, a importância destes eventos reside no fato de, além de fato de terem incentivado muito o *Völkerwanderung* (Grande migração de povos, em alemão), empurrando para dentro das fronteiras romanas várias populações germânicas (incluindo os já citados godos), colocaram fim a séculos de predominância de povos indo-europeus nas estepes do sul da antiga União Soviética. Em seu lugar, entraram em cena povos turco-mongólicos e fino-úgricos.

Na seqüência do fim do poderio huno, outros povos nômades das estepes de origem asiática usariam esta rota para entrar e promover invasões à Europa nos séculos seguintes, incluindo os ávaros, os magiares e os mongóis. Só a partir de meados do século XVI, com a conquista russa das estepes que o poderio indo-europeu voltaria a aquelas paragens.

Após estabelecer seu domínio nas estepes ao norte do Mar Negro, os hunos promoveram uma série de incursões contra seus vizinhos, incluindo a invasão de 395

contra o Império Romano do Oriente (na qual contornaram as estepes ao norte do Mar Negro, desceram o Cáucaso e pilhando em seu caminho a Trácia, Armênia, Capadócia, Síria e Mesopotâmia) e as invasões de Uldin à Península Balcânica nas décadas de 400 e 410.

Durante esse período os hunos também forneceram mercenários para lutarem ao lado de Roma. Como por exemplo, na repressão a Maximus (o qual se autoproclamou imperador na Gália) em 383-384 e 387-388 e a ajuda à Aécio na repressão aos burgúndios em 435-436 e à revolta bagauda na Gália em 437. Em troca de tais serviços, os hunos receberam do Império Romano (a essa altura já decadente) a província da *Pannonia Prima*. Em outras palavras, ganharam para si as ricas pastagens da planície húngara, a chamada *Puszta* (leia-se *Pussta*. Em húngaro a partícula *sz* se lê e se pronuncia com som de *ss*), a extremidade ocidental da grande estepe euro-asiática (Conrad 1978: 104-105).

É nesse contexto que Átila nasce, cresce e vive seus primeiros anos. Após os falecimentos de seu pai, Mundzuk, e seus tios, Aybars, Oktar e Rugilas, o então soberano huno, por volta de 434-435, Átila assume o poder no Império Huno junto de seu irmão Bleda. 10 anos mais tarde Bleda morre (provavelmente assassinado pelo próprio Átila) e Átila passa a ser o governante único e supremo dos hunos.

A respeito do sistema político huno, há de se tecer algumas considerações. Antes de Átila, o sistema huno se caracterizava por se tratar de uma grande confederação de tribos e povos, muitos deles etnicamente distintos dos hunos, os quais por sua vez naturalmente eram a elite dominante dentro do Império. Portanto um regime descentralizado, regido por dois soberanos ou até mais.

Algo semelhante, por exemplo, ao sistema político dos khazares¹, aonde havia a figura do *Khagan*, responsável pelo poder divino, e a do *Bek* (também chamado de *Khagan Bek*), responsável pelo poder temporal (Koestler 1976: 57). Ou mesmo no Japão da Era Tokugawa (1603 – 1868) com o imperador de um lado (com um poder mais figurativo) e de outro o *Shogun* (que possuía o poder efetivo) e no Irã atual, em que o presidente divide o poder com um líder espiritual desde a Revolução de 1979.

Sobre a estrutura de dominação imperial huno, E. D. Phillips nos diz o seguinte:

Antes e depois sob o poder de Átila, o domínio huno consistia em territórios centrais na posse dos hunos, com maior ou menor influência, tendo à sua volta as terras ocupadas pelos povos subjugados, obedecendo a chefes ou a governadores hunos (Phillips 1970: 125).

Após o falecimento de seu irmão, Átila se tornou o soberano único de um Império cuja autoridade se estendia do Reno ao Cáspio e da costa sul do Mar Báltico ao Danúbio. Sob seu domínio, seja ele direto ou indireto (provavelmente se valendo de cobrança de tributos, assim como os mongóis faziam séculos mais tarde em locais como a Rússia, a Bulgária, o Tibete e a Anatólia), estavam vários povos, incluindo os akatzires, sabires, alanos, sármatas, rúgios, gépidas, godos, hérulos, entre outros. Sempre que preciso, tais povos forneciam efetivos para as campanhas militares hunas. Sem contar ainda com o Império Romano do Oriente, que desde 435 pagava anualmente pesados tributos em ouro (objeto muito valorizado dentro da sociedade huno, com o qual faziam objetos dos mais variados) aos hunos.

Concentrando em suas mãos o poder, Átila se volta contra o Império Romano do Oriente. Usando como pretexto a profanação de tumbas hunas pelos habitantes da cidade de Margus², Átila envia seus exércitos às províncias balcânicas do Império do Oriente entre 441 e 443, arrasando a região no caminho. Outra incursão ocorreu entre 446 e 447. Várias cidades, incluindo Sirmium³, Singidunum⁴, Viminacium⁵, Naissus⁶,

Marcianópolis⁷ e Filipópolis⁸, foram arrasadas por Átila e seu exército durante as duas invasões. Os hunos também estiveram próximos à Constantinopla, a capital do Império, mas não se arriscaram a derrubar suas impenetráveis muralhas.

Em 448 a paz entre hunos e romanos do Oriente (então governados por Teodósio II) é restabelecida, com condições bem duras para os segundos, incluindo um aumento da quantidade de ouro a ser paga e a criação de uma espécie de uma zona tampão na fronteira entre os dois impérios, algo um tanto quanto semelhante à atual Zona Desmilitarizada, situada na fronteira entre as duas Coreias. Após as invasões ao Império do Oriente, Átila se volta contra o decadente e moribundo Império do Ocidente, que até então fora poupado do furacão huno.

A muito o Império Romano já não era mais o mesmo dos tempos das legiões temíveis e invencíveis de imperadores como Augusto, Vespasiano e Trajano. E após inúmeras crises tanto internas quanto externas, o Império Romano, a essa altura dividido em duas metades, se encontrava às vias com perdas territoriais para povos bárbaros como visigodos, burgúndios, ostrogodos e vândalos. O fim do Império Ocidental era apenas uma questão de tempo.

Em 451 o soberano supremo do Império Huno organiza uma massiva invasão ao Império Romano do Ocidente, valendo-se de contingentes dos vários povos que lhe deviam vassalagem. Usando como pretexto o fato de Justa Grata Honória, irmã do imperador Valentiano, se encontrar presa após engravidar de um funcionário da corte, Átila cruza o Reno e devasta várias cidades em seu caminho, incluindo Reims, Mainz, Metz, Colônia e Estrasburgo.

No entanto, Átila foi detido por Aécio (o comandante-geral do Império Ocidente), na batalha de Châlons, travada próxima a região de Troyes.

Átila foi vencido, mas não morto. Seu exército se retirou para a Hungria, se reorganizou e no ano seguinte organizou uma nova invasão, só que contra a Itália, justamente o centro do Império do Ocidente. Adentrando pelos Alpes, os hunos devastaram e pilharam em seu caminho várias cidades do norte e do centro da Itália, chegando até próximos de Roma. No entanto, tal como o general cartaginês Aníbal Barca 6 séculos antes, Átila não se arriscou a tomar Roma. De encontro ao papa Leão I, Átila, por razões até hoje misteriosas (seja algum acordo com o papa, alguma doença grassando entre o exército huno, ou qualquer outro motivo ou tudo junto), deu meia volta e desistiu de tomar Roma, pondo fim a sua campanha italiana e voltando para casa.

Tal episódio foi representado pelo pintor renascentista Rafael Sanzio em um de seus afrescos, intitulado *Ao encontro de Leão, o Grande com Átila* (1511-1514), que se encontra hoje em dia no Museu do Vaticano. Em tal afresco o papa Leão I, montado em um cavalo branco, se encontra com Átila. E acima dele estão São Paulo e São Pedro, ambos portando espadas. Algo digno de nota desse afresco é o anacronismo das vestes, armaduras e equipamentos de seus respectivos personagens, os quais estão vestidos à moda renascentista e não da época do ocorrido.

Logo após voltar para casa, Átila morre em sua noite de núpcias com a princesa germânica Ildico, sua última esposa. Segundo Prisco (após passar alguns anos no Egito e em Constantinopla), Átila teria morrido da seguinte maneira:

Ele havia se entregado a excessiva folgança e se jogou na cama, deitado de costas, pesado de vinho e de sono. Sofreu uma hemorragia e o sangue, que normalmente teria escorrido pelo nariz, não conseguindo passar pelos canais habituais, escorreu garganta abaixo, em sua trajetória letal, matando-o. Assim a embriaguez trouxe um final vergonhoso para um rei que tinha conquistado glória na guerra. No dia seguinte, já decorrida a maior parte do dia, os servos

do rei, suspeitando de que algo estivesse errado, primeiro gritaram bem alto, depois arrombaram as portas. Encontraram Átila sem nenhum ferimento, mas morto em conseqüências de uma efusão de sangue, e a moça chorando de cabeça baixa, oculto o rosto sob os véus (Man 2006: 238).

Assim como sua desistência de tomar Roma, a morte de Átila ainda está envolta em mistérios. Independente do que ou quem tenha o matado, seja algum problema de saúde ou uma suposta vingança de Ildico contra Átila em decorrência de alguma matança que os hunos teriam promovido contra seu povo anos antes, o grande soberano huno veio a falecer, com talvez pouco menos que 50 anos, em 453.

O homem e o mito

Após sua morte, o Império Huno desmoronou como se fosse um castelo de cartas, diante de disputas dinásticas entre os vários filhos de Átila combinada com a revolta de povos então sob domínio huno, tais como os gépidas e os ostrogodos, que os derrotaram na batalha do rio Nedao, travada um ano após o falecimento de Átila. Nunca mais os hunos tiveram o mesmo poderio na Europa, limitando-se a estabelecer alguns estados na costa norte do norte do Mar Negro até serem esmagados pelos ávaros e búlgaros nos séculos VI e VII (Conrad, 1978: 108-109).

Átila morreu e seu império desapareceu da história, mas sua memória não e todo um mito em torno de sua figura nasceu. Átila passou a ser visto como uma espécie de encarnação terrena do demônio pelos autores cristãos medievais (justamente as vítimas de seus ataques) que passaram a escrever a história dali em diante, na chamada de “mitologia eclesiástica” (Tolkien 2009: 414). Portanto, não foi nenhuma surpresa que a figura de Átila passou a ser vista de forma bem negativa, incluindo a história de que por onde seu cavalo passava nada mais nascia e sendo visto taxado de o flagelo de Deus. E para agravar ainda mais as coisas, os hunos não puderam contar seu lado da história, já que sua sociedade era ágrafa (ao menos em grande parte) e não deixaram nenhum documento histórico feito por eles mesmos.

Mas há de ressaltar que a má fama dos hunos precede a Átila. De acordo com o historiador romano Amiano Marcelino, ainda no final do século IV (ou seja, antes de Átila nascer), os hunos:

excedem em ferocidade e barbárie tudo que se possa imaginar. Abrem cicatrizes nas faces de seus filhos para impedirem o crescimento da barba. Seus corpos atarracados, com os membros superiores enormes e uma cabeça desmesuradamente grande, lhes dá um aspecto monstruoso. Vivem, aliás, como animais. Não cozinham nem temperam seus alimentos, vivem de raízes selvagens e de carne amaciada sob suas selas (apud Conrad 1978: 102-103).

De forma similar foram vistos no século XIII os mongóis pelos europeus medievais, que nada mais eram que os sucessores dos romanos e germânicos que encararam o furacão huno quase 1000 anos antes. Ivo de Narbonne, então residente na Áustria, em carta endereçada ao bispo da cidade de Bordeaux, descreveu que os invasores mongóis (os quais entre 1236 a 1242 conquistaram a Rússia e invadiram com sucesso a Polônia, Hungria e Bulgária, causando grande morticínio e destruição por onde passaram) comiam carne de cadáveres e que seus príncipes tinham cabeça de cães e arrancavam fora das jovens garotas que eles estupravam e as reservavam como iguarias para si mesmo (Chambers 1979: 126).

Em ambas as descrições há a presença do velho discurso da civilização contra a barbárie, do qual praticamente todas as grandes civilizações sedentárias, incluindo Grécia, Roma, Islã e China, se valeram. Esse tipo de discurso geralmente era aplicado para com povos que viviam além de suas fronteiras (no caso romano, o chamado *Barbaricum*) e que muitas vezes possuíam uma cultura e modo de vida completamente diferente dos sedentários. Os povos nômades das estepes, desde os citas e sármatas até os mongóis, não foram exceção. O grande historiador chinês Ssu-ma Ch'ien teria dito que dentro da Grande Muralha “encontram-se os que envergam o barrete e a cinta, e no exterior estão os bárbaros” (Man 2006: 45).

Apenas uma pessoa o conheceu em vida e deixou algum relato que sobreviveu até os dias de hoje: Prisco, um dos membros da delegação do Império do Oriente aos hunos de 448. Prisco nos deixou o seguinte retrato a respeito de Átila:

Ele avançava orgulhosamente e deixava seu olhar correr aqui e ali, enquanto que a marca do sentimento de sua força dava firmeza a todo o seu corpo. Ele gostava da guerra, mas sabia impor períodos de trégua. Imperioso no conselho, não recuando diante da violência, atendia, no entanto, às súplicas. Embora pouco admitisse entre os seus súditos, era capaz de atos de bondade. De baixa estatura, peito largo, cabeça avantajada, olhos rasgados, barba rara e cinzenta, nariz chato, tez escura, tudo nele denunciava sua origem de huno... (Conrad 1978: 105-106).

No entanto, Christopher Tolkien, o terceiro filho do escritor J. R. R. Tolkien, aponta que no mundo germânico havia uma visão dupla a respeito de Átila:

Nas terras da Germânia havia duas tradições radicalmente diversas a seu respeito: ele surge em uma dupla luz, como benfeitor generoso e monstruoso inimigo, e não é difícil ver como isso deve ter-se produzido. Nas planícies catalaunienses ocorreu um conflito colossal entre homens de muitas nações germânicas. Como expus, nas hostes de Átila havia homens de muitos povos germânicos orientais sujeitos aos hunos, mais notavelmente os ostrogodos, e para eles Átila era o grande rei e chefe supremo, a quem seus próprios reis eram submissos: de fato, o próprio nome *Attila* parece ser uma forma diminutiva da palavra gótica *atta*, “pai”. Na tradição alemã meridional (alto-alemã), Átila, cujo nome no decorrer do tempo foi mudado para *Etzel* pelos movimentos fonéticos, é um monarca benévolo, hospitaleiro e ineficaz, bem distante do Átila histórico. Mas em terras mais ao norte sua imagem lendária originou-se dos seus inimigos, e daí, qualquer que tenha sido a rota pela qual chegou, os escandinavos derivaram seu severo e cobiçoso rei *Atli*, assassino dos burgúndios por causa do tesouro dos nibelungos (Tolkien 2009: 414-415).

Situação esta um tanto similar à imagem do chefe mongol Batu Khan, um dos netos de Genghis Khan por via de Jochi, na Rússia. Inicialmente foi tratado como um poderoso *tsar* (título este que antes de Ivan IV o Terrível os russos aplicavam aos *khans* da Horda Dourada e aos imperadores bizantinos) ao qual os principados russos deviam obediência. Mas após cerca de 1448 passou a ser tratado como um cruel saqueador que escravizou as terras russas.

É nesse contexto que a figura de Átila aparece nas sagas e épicos escandinavos e germânicos, como a *Canção dos Nibelungos*, escrito por volta das primeiras décadas do século XIII, caracterizada por seus motivos heróicos germânicos pré-cristãos e a mistura de antigas tradições e eventos e personagens históricos que viveram nos séculos V e VI. Algo um tanto inusitado por sinal, levando em consideração o fato de que o Império Huno nem era germânico e sua passagem efêmera pelos territórios germânicos.

E algo ainda mais interessante a se observar sobre o *Das Nibelungenlied*, assim como as *Eddas* da Islândia, é a época em que foi escrito, no século XIII, já passados quase 1000 anos da morte de Átila, além de ser contemporâneo de outro furacão vindo das estepes que assolou as civilizações sedentárias da Europa e da Ásia, os mongóis de Genghis Khan e seus descendentes.

A Canção dos Nibelungos

Átila aparece na história da *Canção dos Nibelungos* apenas na segunda parte, a despeito de ser mencionado já no primeiro capítulo. Muitos anos se passaram após o falecimento de seu marido, Siegfried, e Krehmild viaja até a nação dos hunos. Lá ela se encontra com Átila, ou como ele é chamado na história, Etzel. Assim como Krehmild, Átila também se encontra viúvo, após a morte de sua esposa Helche (provavelmente a versão germanizada de Kreka, a principal esposa de Átila).

Querendo se casar novamente, seus conselheiros sugeriram desposar justamente Krehmild. Para as terras do Reno Átila envia uma comitiva liderada por seu vassalo Rüdiger de Pöchlarn⁹ (localidade situada no norte da Áustria), levando consigo sua proposta de casamento à viúva de Siegfried. Lá Rüdiger e sua comitiva se encontram com os burgúndios, incluindo o rei Gunther e o herói Hagen de Tronje, que anos antes matara Siegfried em uma emboscada.

A respeito do rei Gunther, este foi inspirado em um rei burgúndio chamado Gundahar, que em 413 fundou um reino morto na Gália oriental, com capital na cidade de Worms. Em 435 seu povo invadiu a província *Gallia Belgica* (atuais Bélgica e norte da França), o que atraiu a atenção de Aécio. Junto com seus mercenários hunos, Aécio promoveu uma grande chacina entre os burgúndios que gerou milhares de mortes, incluindo a do rei Gundahar. Devido à presença huna nesse ocorrido (a qual foi transformada em folclore em épicos como o próprio *Das Nibelungenlied* e por Richard Wagner em seu Ciclo do Anel), acreditou-se que Átila foi o grande responsável pela aniquilação dos burgúndios, sendo que ele nem ao menos esteve presente na ocasião (Man 2006: 124).

Através de Rüdiger os burgúndios ficam sabendo do falecimento de Helche e da proposta de casamento de Átila para Krehmild. Tal proposta é bem recebida entre os burgúndios, incluindo o rei Günther, que é ninguém menos que o irmão da viúva de Siegfried. Apenas Hagen não vê a proposta com bons olhos, acreditando que o casamento dos dois gerará muitos problemas para os guerreiros burgúndios (também chamados de nibelungos em algumas passagens da história).

Após o encontro com Günther e seu séquito, Rüdiger foi se encontrar pessoalmente com Kriemhild, transmitindo à irmã do rei dos burgúndios a proposta de Átila. Inicialmente Kriemhild recusa, alegando a dor da perda de Siegfried, além do fato de ela ser cristã e Átila, pagão. Mas após a insistência de seu irmão Giselher, Rüdiger e sua mãe Uote, Kriemhild enfim aceita a proposta.

Os dois se encontram na atual Áustria e se casam em Viena, cada um trazendo suntuosas comitivas. A comitiva de Átila, segundo a história, tinha:

À sua frente cavalgavam pela estrada numerosos bravos guerreiros de diferentes linguagens, vastas hostes de cristãos e pagãos que cavalgavam magnificamente até a rainha. Ali iam muitos homens da Grécia e da Rússia. Viam-se poloneses e valáquios passarem em suas velozes montarias quando eles as golpeavam vigorosamente com suas esporas. Todos portavam-se de acordo com seus costumes. Cavalgavam muitos guerreiros das terras de Kiev

e também selvagens pechengs, que, esticando ao máximo seus arcos, abatiam muitos pássaros em vôo com suas setas afiadas (*A canção dos Nibelungos*, 207).

Neste trecho há algo muito interessante de observar: a menção a localidades que na época em que a história do *Das Nibelungenlied* se passa (século V), como por exemplo, Kiev, que foi fundada apenas séculos mais tarde. Assim como a menção aos *pechengs*, um povo turcófono das estepes do sul da Rússia cujas primeiras menções em registros históricos datam dos séculos VIII e IX.

Entre os membros da comitiva de Átila estão o rei Gibech, Hawart da Dinamarca, Irnfred da Turíngia, Dietrich e Bleda (chamado na história de Blödel), o irmão de Átila, com quem na história real dividiu o poder no Império Huno nos seus 10 primeiros anos de reinado. O casório de Átila e Krehmild é seguido de grandes e suntuosas festividades e meses mais tarde nasce Ortlieb, o filho do casal. Quanto à descendência de Átila, a história da *Canção dos Nibelungos* não menciona mais nenhum outro filho do soberano huno além de Ortlieb. Bem ao contrário do Átila real, que teve vários filhos, sendo Ernakh, Ellac e Dengizich os mais conhecidos.

E indo ainda mais na contramão do Átila real, que teve várias esposas (já que entre os hunos, assim como entre os povos das estepes de modo geral, havia a prática da poligamia), vê-se no *Nibenlungenlied* um Átila monogâmico, casando-se primeiro com Helche e depois de sua morte Krehmild. Em outras palavras, vemos um Átila um tanto quanto cristianizado, a despeito de ser apresentado como pagão.

Mas mesmo se casando com Átila, o coração de Krehmild (que logo ganhou grande prestígio entre os hunos) ainda sofre com as dores da morte de Siegfried (e isso Átila nem percebe, ou então lhe é indiferente). E para isso planeja uma vingança contra os burgúndios, mais precisamente contra Hagen, o assassino de Siegfried.

Átila envia seus mensageiros Wärbel e Swemmel para Worms sobre o Reno, convidando seus irmãos Günther, Gernot e Giselher para visitar as terras hunas no próximo solstício de verão, quando haverá uma série de festividades. Os conselheiros do rei Günther acharam que o rei burgúndio deveria ir às terras hunas se encontrar com sua irmã. O único que se opôs a tal viagem é Hagen de Tronje, achando que isso seria a destruição e ressaltando o caráter vingativo da viúva de Siegfried. No fim, Hagen muda de idéia e aconselha a Günther e seus homens a irem armados aos domínios hunos.

Em Gran¹⁰ Átila se reencontra com seus mensageiros e fica sabendo que os burgúndios, incluindo Hagen (a quem Átila tem grande estima) estão se dirigindo a seus domínios. Gunther levou junto consigo 1060 de seus homens e 9 mil escudeiros para as terras dos hunos. Eles atravessaram o Reno e lá se encontraram o rio transbordado e ondinas (uma espécie de equivalente nórdico-germânico das ninfas da mitologia grega, as quais habitam rios, lagos e mares). Uma delas, Sieglinde, alertou que um destino terrível paira sobre Hagen e seus homens. Mas mesmo assim os burgúndios seguem adiante.

Chegando aos domínios de Átila, a hoste burgúndia se encontra com Eckewart, um dos vassallos de Krehmild, que os recebe de forma hostil, dizendo aos burgúndios que sua felicidade se perdeu com a morte de Siegfried. No entanto esta situação é resolvida após Hagen lhe presentear com 6 braceletes dourados. Hagen e seus homens em seguida se dirigem até Pöchlarn, de lá rumaram para a Hungria, atravessando o Danúbio (que em tempos antigos era chamado de Ister), assim adentrando nos domínios hunos. Sabendo da chegada de seus irmãos, Krehmild e seu marido se sentem muito felizes.

A chegada de Hagen (o qual ficou a par da situação sobre o sofrimento amoroso de Krehmild através de Dietrich, o senhor de Berna) provoca grande curiosidade entre

os hunos, principalmente devido ao fato de ter matado Siegfried anos antes e o ser filho de Aldrian, um antigo vassalo de Átila que conquistou renome e honras em seus domínios.

Após se alojarem em um local, eis que as suspeitas de Hagen se confirmam: Kriemhild apareceu com ódio e rancor diante de sua hoste. Ela lhe pergunta a respeito do tesouro dos Nibelungos, dizendo que isso é o que deveria ter trazido para o Império de Átila, alegando também que este tesouro lhe pertencia. Hagen responde que este tesouro não é mais dele e que se encontra afundado no Reno e que o que ele trouxe está de bom tamanho.

A vingança particular de Kriemhild contra Hagen enfim tem início. Kriemhild viu os guerreiros burgúndios pela janela do castelo e subitamente se entristece, dizendo colericamente aos guerreiros hunos que aquele que matar Hagen lhe terá gratidão eterna. Ao se encontrar novamente com Hagen, Kriemhild fica ainda mais aflita ao ver que o filho de Aldrian carregava a espada Balmung, a mesma que outrora fora de Siegfried. Kriemhild ordena aos guerreiros hunos que ataquem Hagen e Dietrich, mas ao verem com quem se depararam, desistiram de lutar.

Após vários percalços em sua viagem, na noite do solstício Gunther e seus homens chegam à corte de Átila, o qual recebeu os visitantes de forma bem cordial, servindo-lhes um grande banquete. Mas mesmo Átila sendo cordial a Günther e seus homens, Kriemhild ainda assim trama sua vingança particular. Aonde se encontravam hospedados juntos com seus guerreiros, Hagen e Volker montaram guarda para contra um possível ataque de Kriemhild. O que logo é percebido por um dos guerreiros hunos que tramava contra os burgúndios, que logo se retiram. Mas mesmo fracassando dessa vez, Kriemhild não desiste de levar a cabo sua vingança.

Armados, os guerreiros burgúndios se dirigem à catedral e lá se encontram com o rei Átila, o qual lhes pergunta a razão de estarem armados, dizendo que seria uma ofensa a ele mesmo se alguém fizesse alguma coisa ruim aos burgúndios. Hagen responde que ninguém os ofendeu e que era costume de seus senhores ficarem armados nas festividades por 3 dias inteiros. Após a missa, os guerreiros hunos se dirigiram para suas montarias. Por sugestão de Dankwart, tem início o *buhurt* (torneio medieval aonde os competidores se atacam a cavalo e em grupos, usando escudos e lanças sem corte). Diante da presença do rei da rainha dos hunos, tem início o torneio. Entre os que vieram ao torneio se incluem Bleda, o irmão de Átila, entre outros vassalos dos hunos e os burgúndios.

Uma série de mortes fatais tem início dali em diante. Primeiro Volker mata um guerreiro huno, a qual foi seguida de uma onda de ressentimento contra o menestrel burgúndio, o qual foi salvo pelo próprio Átila. Após o *buhurt* Kriemhild promete a Bleda que caso matasse Hagen ganharia as terras que outrora pertenciam a Nudung. De início Bleda recusa, mas diante das promessas da viúva de Siegfried muda de idéia e se envolve em uma luta, só que contra Dankwart, um dos irmãos de Hagen, e perde sua vida após ter sua cabeça decepada.

Em um salão as hostes inimigas se encontram, travando uma batalha cruel e sangrenta que terminou com a vitória dos subordinados do rei Günther. Entre os mortos do embate se encontra Ortlieb, o único filho de Átila e Kriemhild, em um embate com Hagen. Nenhum huno presente no local saiu vivo da carnificina.

Em meio ao calor do combate, Átila foi visto por um guerreiro huno ao lado de Dietrich, o qual recebeu uma pancada na cabeça de Volker, morrendo em seguida. Deixando o salão, Átila sente um grande sofrimento ao ver seus guerreiros mortos diante dos burgúndios e no que se transformaram as festividades. Diante de mil homens no salão, o rei huno se encontra com Hagen e Volker, e estes lhe disseram o que

pretendiam fazer: continuar lutando. Átila agarra seu escudo, preparando-se para a luta, quando eis que sua esposa aparece oferecendo aos guerreiros hunos escudos cheios de ouro e dizendo que dará o escudo de ouro rubro que pertence ao seu próprio marido a quem matar Hagen, além de muitas terras e cidades como recompensa. Volker olha a atitude de seus inimigos como vergonhosa.

Entre os guerreiros a serviço dos hunos que se opõe aos burgúndios se encontram Hawart e seus subordinados, Iring da Dinamarca e Irnfried da Turíngia. Os 3 contavam ainda com mais mil homens no mesmo salão. Iring luta sem sucesso contra os burgúndios, sendo ao final morto por Hagen após este lhe acertar uma lança na cabeça. Em seguida Irnfried perdeu sua vida em um embate contra Volker e Hagen mata Hawart. Após a morte de seus superiores, foi a vez dos guerreiros turíngios e dinamarqueses tombarem diante dos burgúndios.

Ainda no mesmo dia os soberanos hunos enviaram aproximadamente 20 mil guerreiros para matar Hagen e seus homens, os quais venceram o embate. Átila e Krehmild mais uma vez se encontram com os burgúndios e uma discussão irrompe entre os dois lados. Os burgúndios, cansados após muitos combates, pedem uma trégua ao rei huno, o que lhes foi negado. Átila diz aos burgúndios que enquanto estiver vivo não lhes terá misericórdia, após ter perdido seu filho e muitos familiares e guerreiros. Gunther retruca alegando que os heróis de Átila mataram todos os seus escudeiros em seus alojamentos. Após uma troca de diálogos entre os dois lados, Kriemhild reaparece, incitando os guerreiros hunos a atacarem os subordinados do rei Gunther. Conversando com seu irmão Giselher, ela mais uma vez alega do sofrimento que a morte de Siegfried ainda lhe causa e propondo que Hagen lhe seja entregue como prisioneiro, o que é negado por seus companheiros.

Após mais um ataque frustrado de guerreiros hunos aos burgúndios, Kriemhild ordena que se ateie fogo no salão onde seus inimigos estão. Ao término do incêndio, por volta de 600 homens ainda permaneciam vivos no local. E no dia seguinte os burgúndios mais uma vez foram atacados por guerreiros que lhes tentavam acertar lanças.

A história termina com mais uma seqüência de mortes dos dois lados, que culmina com as mortes de Gunther e Hagen nas mãos de Krehmild (a qual empunhou a espada Balmung quando matou o segundo) e de Krehmild nas mãos de Hildebrand. Ao término da história, Átila e Dietrich ficaram entristecidos diante de toda essa carnificina que presenciaram.

Conclusão

Átila é apresentado no *Das Nibelungenlied* como um rei poderoso, sábio e gentil, mas que acaba sendo vítima da situação em que se encontra. A despeito de ser apresentado como pagão vemos um Átila um tanto quanto cristianizado, que encarna algumas das mais altas virtudes da realeza européia medieval tais como fidelidade e brandura, além de ser monogâmico (como já foi apontado acima). Aliás, não só cristianizado como também europeizado, já que o Átila do *Das Nibelungenlied* mais parece um senhor feudal medieval que um chefe guerreiro nômade das estepes, certamente fruto do meio e do tempo em que a história foi escrita. No entanto, não se vê na *Canção dos Nibelungos* aquele Átila cruel, sanguinário e monstruoso que foi perpetuado no imaginário cristão da Europa medieval pós-romana. Ao contrário, é tratado de forma mais respeitosa.

No entanto, sua participação na *Canção de Nibelungos* é bem apagada. Não faz nada de mais além de se casar com Kriemhild, dar algumas ordens e estar no meio do fogo do conflito entre seu povo e os guerreiros burgúndios de Gunther e Hagen. Não percebe coisas como, por exemplo, o fato de Kriemhild ainda lamentar a morte de Siegfried, além de pouco ou nada fazer para conter a tramóia de sua esposa. Bem diferente do Átila real, o Átila do *Das Nibelungenlied* é uma figura um tanto pusilânime e pouco ativa, de certa forma manipulada por sua esposa e seu desejo de vingança contra Hagen, mais se parecendo, por exemplo, com um Tuda Mongka¹¹ do que com o Átila real.

Kriemhild exerce na corte de Átila um papel próximo a de uma eminência parda, ditando a ação no lugar do rei. Em outras palavras, um poder por trás do trono, tal como o do general Nogai¹² na Horda Dourada¹³ no final do século XIII. Nem parece que é o mesmo Átila que construiu um grande império e tantos problemas causou para Roma e Constantinopla.

Bibliografia

- A canção dos Nibelungos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAMBERS, Joseph. *The devil's horsemen: the mongol invasion of Europe*. London: Cassell Publishers, 1979.
- CONRAD, Phillip. *As civilizações das estepes*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.
- DESCHODT, Eric. *Átila*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.
- HILDINGER, Eric. *Warriors of the steppe: a military history of Central Ásia 500 B.C. to 1700 B.C.* New York: Da Capo Press, 2001.
- IHSAN. *The Xiongnu Empire*. All Empires. Disponível em: http://www.allempires.com/article/index.php?q=The_Xiong_Nu_Empire Acesso em: 12 de dezembro de 2010.
- KOESTLER, Arthur. *Os khazares: a 13ª tribo e as origens do judaísmo moderno*. Rio de Janeiro: Relume, 2005.
- MAN, John. *Átila o huno: o rei bárbaro que desafiou Roma*. São Paulo: Ediouro, 2006.
- OSTROVSKI, Donald. *Batu Khan*. Disponível em: <http://hudce7.harvard.edu/~ostrowski/mm/batu.pdf> Acesso em 28 de dezembro de 2010.
- PHILIPS, E. D. *Os povos nômades da estepe*. São Paulo: Verbo, 1970.
- TOLKIEN, Christopher. Um breve relato das origens das lendas. In: TOLKIEN, J. R. R. *A lenda de Sigurd & Gúdrun*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NOTAS

¹ Povo turcófono das estepes do sul da Rússia, notório por ter barrado o expansionismo islâmico no Cáucaso em meados do século VIII e que mais ou menos na mesma época se converteu ao judaísmo.

² Atual Požarevac, Sérvia oriental. Também conhecida como Passarowitz em alemão, Pasarofça em turco e Pozsarevác em húngaro.

³ Atual aldeia de Sremska Mitrovica, Sérvia, situada próxima ao rio Sava.

⁴ Atual Belgrado, Sérvia.

⁵ Atual Kostolac, Sérvia.

⁶ Atual Niš, Sérvia.

⁷ Cidade situada próxima à atual Devnya, Bulgária.

⁸ Atual Plovdiv, Bulgária.

⁹ Cidade do norte da Áustria, situada no distrito de Melk, estado da Baixa Áustria.

¹⁰ Nome germânico da cidade de Esztergom (leia-se Esstergom), situada no norte da Hungria. Foi capital da Hungria de 960 a 1256. Devastada pelos mongóis em 1241.

¹¹ Khan da Horda Dourada entre 1281 a 1287. Neto de Batu Khan e irmão de seu antecessor Mongka Temur, se converteu ao islamismo por volta de 1283. Seu reinado foi marcado pelo crescente poderio do general Nogai. Abdicou em 1287 em favor de seu sobrinho Tulabuga.

¹² Líder militar da Horda Dourada na segunda metade do século XIII. Sobrinho de Batu Khan e Berke, Nogai começou sua carreira em 1259, participando da segunda incursão mongol contra a Polónia sob o comando de Burundai. Participou da guerra entre a Horda Dourada e o Ilkhanato e liderou uma incursão contra a Trácia em 1265, na qual ganhou de presente do imperador bizantino Miguel Paleólogo VIII a mão de sua filha Euphrosyne. Após a morte de Mongka Temur (1281), Nogai tornou-se o todo-poderoso da Horda Dourada, fazendo dos *khans* seguintes seus fantoches e tendo sob seu domínio direto as zonas mais a oeste do *khanato*, incluindo a Valáquia (região sul da Romênia) e a Ucrânia ocidental. Ao lado de Tulabuga Nogai liderou em 1284-1285 a segunda incursão mongol contra a Hungria e em 1287-1288 a terceira incursão contra a Polónia. Veio a ser morto em batalha no ano de 1299 contra o Khan legítimo Tokhta, que anos antes o próprio Nogai conduziu ao poder.

¹³ Um dos 4 *khanatos* que surgiram da fragmentação do Império Mongol, fundado por Batu Khan por volta de 1240. Em seu apogeu se estendia da Valáquia à Sibéria Ocidental e de Novgorod ao Cáspio. Tinha sob sua vassalagem vários principados russos, como Chernigov, Novgorod, Vladimir-Suzdal e Kiev, conquistados entre 1237 a 1240, sob os quais lhes eram cobrados tributos.